

## CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

2 e 6 de Novembro de 2023

REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS – A GUERRA NO CINEMA (parte II): Para Além do Campo de Batalha

### LA BANDERA / 1935 A Bandeira

*Um filme de Julien Duvivier*

**Argumento:** Julien Duvivier e Charles Spaak, baseado no romance homônimo de Pierre Mac Orlan / *Directores de fotografia* (35 mm, preto & branco): Jules Krüger e Marc Fossard / *Cenários*: Jacques Krauss / *Música*: Jean Wiéner e Roland Manuel / *Montagem*: Marthe Poncin / *Som*: Robert Teisseire, Georges Gérardot, Marcel Petiot / *Interpretação*: Jean Gabin (*Pierre Gilieth*), Annabella (*Aïcha*), Robert Le Vigan (*Fernando Lucas*), Aimos (*Marcel Mulot*), Pierre Renoir (*o Capitão Weiler*), Gaston Modot (*o soldado que refila*), Margo Lion (a “madame” em *Marrocos*), Viviane Romance (*uma prostituta*) e outros.

**Produção:** Société Nouvelle de Cinématographie / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 16 mm (redução do original em 35 mm), versão original com legendas electrónicas em português / **Duração da cópia:** 90 minutos (duração original: 103 minutos) / **Estreia mundial:** 25 de Setembro de 1935 / **Estreia em Portugal:** Lisboa (cinema Tivoli), 18 de Maio de 1936 / **Primeira apresentação na Cinemateca:** 5 de Maio de 2004, no âmbito do ciclo “A Luz Fixa das Estrelas”.

\*\*\*\*\*

**La Bandera** foi filmado em grande parte em cenários naturais, na região de Marrocos então sob domínio espanhol. Um general espanhol prestou muita ajuda à equipa, facilitou as filmagens e foi calorosamente agradecido no genérico original. Mais tarde, porém, o seu nome foi omitido do genérico: o general se chamava Francisco Franco... Independentemente desta curiosidade, **La Bandera** é um filme indispensável em qualquer retrospectiva do cinema francês clássico, porque ilustra um género típico daquele cinema nos anos 30 e é o filme que fez de Jean Gabin uma vedeta. As primeiras imagens do genérico indicam: “*Annabella e Jean Gabin*”, o que mostra que embora tivesse o papel principal, Gabin ainda não era uma vedeta de primeiríssima grandeza. Mas independentemente daquilo que o filme delineia e define da futura *persona cinematográfica* de Gabin, **La Bandera** é importante por abordar um mito do cinema (e não apenas do cinema francês), o da Legião Estrangeira, por detrás dos quais se perfilam os mitos da aventura colonial. É um filme de género, um dos bons momentos na obra de um realizador prolífico e um filme-chave na obra de um importante ator.

1934 foi um ano decisivo na carreira de Gabin, que teve em **Zouzou** aquele que talvez seja o seu primeiro papel principal marcante, um marinheiro que é irmão adotivo de Joséphine Baker, que naquele momento era uma vedeta bem mais importante do que ele. 1934 também é o ano em que Gabin trabalha pela primeira vez com Julien Duvivier, “*o grande relojoeiro da profissão*”, segundo as suas palavras e um dos dois cineastas de quem no fim da vida dizia que o tinham “*enriquecido, de alguma maneira*” (o outro é Renoir, que representa a polaridade oposta enquanto realizador, “*as vantagens que podem ter a improvisação e a fantasia*”, nas palavras do ator). Depois do insípido **Maria Chapdelaine** e de um **Gólgota**, em que Gabin fez contra a vontade o papel de Pôncio Pilatos (um Pilatos que a quase toda a gente pareceu ter jeito e voz de dono de tasca parisiense), Duvivier e Gabin fazem juntos **La Bandera**, em que surgem vários traços que definiriam a personalidade cinematográfica definitiva de Gabin. Os cinco anos decisivos do percurso de Gabin, os cinco anos que lhe garantem a imortalidade cinematográfica, vão de 1935 e **La Bandera** a 1940 e **Remorques**, por melhores que possam ter sido alguns filmes e desempenhos seus antes e depois deste período. Duvivier teve tal consciência do papel formador de **La Bandera** no mito de Gabin que guardaria diversos elementos da trama narrativa em **The Impostor**, que faria em Hollywood em 1943, no qual Gabin também é um homem com um passado criminoso, que morre corajosamente em combate militar (**The Impostor** é um filme de propaganda da causa da France Libre do General de Gaulle). Para impor Gabin aos americanos, o que não aconteceu, Duvivier retomou vários elementos do filme que o consagrara junto aos franceses.

**La Bandera** é evidentemente uma produção de prestígio, em cujo genérico desfilam alguns dos técnicos mais reputados do cinema francês da época (Jules Krüger, Jacques Krauss), um dos melhores e mais importantes argumentistas do período, Charles Spaak, celebridades como Jean Wiéner e Roland Manuel na música e além de Gabin, no seu décimo-nono filme, há no elenco um actor importante como Pierre Renoir e secundários célebres como Robert Le Vigan, Gaston Modot e Aimos. Duvivier não desperdiçou os meios que teve à disposição. Sabia que um filme destes não teria qualquer sentido num deserto de papel pintado. Um espaço como o deserto é irreproduzível em estúdio, os exteriores têm de ser feitos em exterior. Foi o que ele fez, usando também cenários naturais em Barcelona, embora não faltem, evidentemente, retro-projeções e maquetas. Mas se o trabalho do cenógrafo foi decisivo na edificação dos interiores, a articulação dos espaços exteriores deve-se ao olho do realizador, bastante agudo. Depois do admirável preâmbulo em Paris, em que o crime que dá origem a todo o drama tem lugar fora de campo e é revelado pelas manchas de sangue na roupa da passante, bêbeda e alegre, um *raccord* entre duas placas de rua leva-nos num segundo de Paris a Barcelona. A narrativa desdobra-se então em três partes, à francesa, à maneira clássica: a primeira etapa da fuga, em Barcelona (simples e admiravelmente eficaz é a ideia de filmar a fuga de Gabin pelas ruelas do Barrio Chino em *plongé*); a primeira etapa na Legião Estrangeira, com a apresentação dos comparsas; e a terceira fase, nos confins da colónia, em combate. Como convém a um filme sobre a Legião Estrangeira, agrupamento de homens “com um passado” sobre o qual não se faz perguntas, nada sabemos do passado do personagem de Gabin. Nem sequer sabemos se o seu nome, Pierre Gilieth, é mesmo o seu ou não. Não sabemos quem era o homem que matou, nem porque o matou, ele diz apenas que “era um pulha, não merecia viver”. E à medida que o filme progride ainda menos sabemos, pois ao entrar na Legião Estrangeira a identidade do homem se dilui no interior do grupo, antes de voltar a se cristalizar no terço final. E se o seu crime tem lugar fora de campo, embora seja brevemente rememorado, numa espécie de *flashback*, a sua morte também tem lugar fora de campo e é de certa forma ocultada. Jean Gabin não tem uma cena de coragem suicidária, seguida pelos tiros e pela agonia. Desaparece de modo tão seco e rápido como qualquer soldado numa batalha feroz. Neste ponto, o filme ecoa as numerosas canções da época sobre a Legião Estrangeira, em que bruscamente alguém simplesmente deixa de existir, é apagado pela morte, pelos *salopards* (“cabrões”), termo genérico com que os legionários à época designavam os árabes que combatiam. Também estes últimos são invisíveis em **La Bandera**, inimigos perigosos, astutos, mas sempre fora de campo, quer levem a melhor, quer levem a pior. Por isso, **La Bandera** não é realmente um filme de aventuras coloniais (embora seja “colonialista” sem complexos: estamos em 1935), nem um filme épico: é um filme de aventuras individuais, no centro das quais está o principal indivíduo do filme, o personagem de Jean Gabin.

Se este filme cristaliza o mito cinematográfico de Gabin é porque nele surge aquilo que a estudiosa Ginette Vincendeau assinalou como sendo a essência do mito do ator na sua juventude: um homem banal metido em aventuras extraordinárias. Um homem levado ao crime, um homem com um passado pesado, um homem estóico e sem medo de tomar riscos. Neste filme que faz dele uma vedeta, Gabin morre no desenlace. O cinema francês, muito mais livre e complexo do ponto de vista moral do que o americano, não impunha um desenlace feliz. Nos anos 30, pelo contrário, gostava de desenlaces infelizes, de histórias mórbidas e fatalistas. Gabin voltará a morrer em vários filmes que fará logo a seguir a **La Bandera**, como **Pépé-le-Moko**, **Le Jour se Lève**, **La Bête Humaine** ou **Quai des Brumes**. Em 1947, André Bazin observaria que “se fosse preciso uma prova suplementar do destino excepcional de Gabin, bastaria notar que ele é talvez o único ator do mundo (...) diante do qual o público espera que a história acabe mal”. É neste sentido que **La Bandera** forja de modo definitivo o seu mito de homem das classes populares, autêntico parisiense proletário dos anos 30, num combate com as forças do destino, como os heróis da Antiguidade. É aqui que começa o percurso excepcional de um ator-personagem que se coaduna à perfeição com as tendências de uma das grandes cinematografias de sempre, quando esta começava o seu período clássico.

Antonio Rodrigues